

A CULTURA COMO VEÍCULO DE INTEGRAÇÃO SOCIAL DOS DEFICIENTES

(Conferência Realizada na Biblioteca Camões)

ISIDRO E. RODRIGUES

Num artigo intitulado «A Revolução Cultural Feminina», a sua autora, Han Suyin, cidadã inglesa que nasceu na China, define a Cultura como sendo um conjunto de valores materiais e espirituais, de realizações e crenças, de conhecimentos e capacidades suficientemente estável para que possa originar uma identidade distinta, e afirma ainda que este complexo de práticas mentais e sociais de um grupo ou grupos humanos é transmitido de geração para geração como seu próprio património cultural. É Cultura de uma sociedade o seu sistema de atitudes e modo de agir, os seus costumes e instituições, os valores espirituais, morais e estéticos pelos quais se rege. Também é Cultura, ainda que num sentido menos lato, determinado desenvolvimento do estado intelectual, artístico e científico, em que se revela, com uma base e orientação humanas, um esforço colectivo pela libertação do espírito. É ela ainda por muitos entendida como sendo o desenvolvimento do intelecto, a utensilagem mental, o saber acumulado e a permanente actualização do mesmo, o software que permite ao Homem que o guarda, o maravilhoso prodígio de raciocinar com clareza, de conceber e executar planos, e sem o qual jamais seria possível actuar inteligentemente, adoptando comportamentos adequados às diversas situações que pela vida fora se lhe deparam. Esta jóia inestimável assegura a emancipação aos que a procuram, conduzindo-os a um aperfeiçoamento cada vez maior, facto que lhes propicia serem olhados e escutados pelos seus concidadãos com consideração e respeito, e, muitas vezes, mesmo com admiração.

Do que acabámos de expor pode desde já tirara-se a ilação de que a Cultura é um óptimo meio para que os indivíduos portadores de deficiências tenham extraordinariamente facilitada a sua integração na sociedade e para que nesta eles se mantenham integrados, caso saibam utilizar o grande trunfo que o elevado grau da sua intelectualidade constitui.

Em tempos ainda não muito distantes, permanentemente se colocava a questão de se saber se era lícito, se era possível ou não os deficientes em geral (e os indivíduos cegos em particular)

adquirirem Cultura nos domínios literário, artístico, científico, etc. Hoje, porém, esse problema está já felizmente ultrapassado em relação a muitos tipos de deficiência, nomeadamente em relação à cegueira, que é aquela cuja problemática, por razões óbvias, melhor conheço, e, portanto, pela qual mais me interessa.

Os indivíduos portadores desta deficiência, caso sejam dotados psiquicamente, pelo menos em termos médios, não têm mais, nos nossos dias, as barreiras que os separaram abissalmente da Cultura. Hoje podem, com mais ou menos facilidade, penetrar no domínio das letras, das artes, das ciências; enfim, em todos os domínios culturais, facto que lhes facilita a vida de relação, ou seja, a convivência social. Ora, é nessa vida de relação com os seus concidadãos que os indivíduos cegos (bem como todos os outros deficientes) se devem afirmar, dando testemunho inequívoco da sua capacidade de adaptação ao meio social. Para tanto, é indispensável que, aliado à sua riqueza intelectual, saibam comportamentalmente estar no mundo. É fundamental que a sua conduta, as suas maneiras, o seu porte, o seu aspecto global se desviem o mínimo possível do tipo social médio, sem que, no entanto, percam de vista que são seres humanos, e, como tal, têm características muito próprias, as quais os diferenciam dos seus semelhantes e são a marca patente da sua originalidade, da sua personalidade. Para que essa vida de relação seja duradoura, seja uma constante, torna-se necessários que com todos os outros elementos constitutivos do grupo social se estabeleçam laços de boa e sã amizade, precioso bem que muito custa a adquirir mas muito mais a conservar.

Naturalmente, a amizade, como traço fundamental no plano das relações humanas, é, antes de mais, troca de afectos, troca de serviços, entendidos, evidentemente, como interajuda, cooperação, solidariedade, altruísmo, e, assim sendo, forçoso é que os deficientes visuais (assim como todos os outros), ao receberem algo do que a amizade propicia, tenham a possibilidade de corresponder, em termos satisfatórios, àquilo que deles esperam os que os distinguem, oferecendo-lhes o privilégio de ser seus amigos. É importante ser-se naturalmente simpático, ter-se atractivos físicos e principalmente psíquicos. É fundamental ser-se agradável, que se irradie algo que dê gosto apreciar ou até mesmo usufruir. Ninguém procura outro alguém se nele somente encontrar tristeza, azedume, mal-estar, desconforto; ninguém fica muito tempo junto de outro alguém se as atitudes deste, os seus gestos (ou a inexistência dos mesmos), a sua indumentária, a sua higiene forem motivo de incomodidade, se os temas de conversa ou a forma como os mesmos são abordados forem desinteressantes, maçadores, desagradáveis. Analisando esta problemática através do prisma da realidade, não se pode deixar de aceitar que um ser humano

somente conviva com outro ser humano, quando essa atitude o compensa, por pouco que seja, ou então, por caridade, o que é já uma forma de compensação.

Face a esta realidade, os indivíduos que pela sua deficiente se encontram numa situação de inferioridade, em relação aos que com eles convivem, têm que desenvolver esforços no sentido de se valorizar em todas as áreas em que as limitações decorrentes da mesma deficiência não sejam razão suficiente para que esse objectivo se deixe de atingir.

Como é sabido, a área da Cultura é, por excelência, aquela que mais e melhores condições oferece aos deficientes (principalmente aos indivíduos cegos) para que os mesmos se possam promover a posições muitas vezes até superiores às da média dos cidadãos. Ninguém, hoje, bem informado, duvida da capacidade de um indivíduo portador de deficiência visual que, no âmbito das actividades intelectuais, lhe permite por vezes atingir níveis de tal maneira elevados que o colocam, em relação aos que o rodeiam, em situações concorrenciais muito favoráveis.

Tanto quanto me é dado saber, os especialistas no âmbito da tiflogia são unânimes em afirmar que a Cultura é o pilar, a trave mestra que sustenta toda a evolução das pessoas deficientes visuais, que lhes permite mais seguramente a inserção social, e por este motivo estas deverão, por todos os meios ao seu alcance, adquiri-la, assimilá-la, fazer com que esta seja uma chama sempre acesa a iluminar as suas vidas. De entre esses meios poderemos relevar alguns que consideramos bastante acessíveis. É o caso da rádio (tanto a nacional como a estrangeira), da televisão (em parte), da frequência de salas de espectáculos, de museus, de colóquios, de conferências, da participação em visitas de estudo guiadas, e, em lugar de destaque, a leitura, à qual se atribui (e merecidamente) tal importância que ninguém de bom senso concebe que sem ela possa haver progresso. O Presidente do Brasil Emílio Médici afirmou que «Nação desenvolvida é Povo que lê». A revista “Et la Lumière fut” apresenta na página de rosto o slogan »la lumière par le livre, l’avenir par le travail», e o CIMPEC, publicação periódica colombiana, aconselha na primeira página:

«Amigo limitado visual: Lee, estudia, investiga, autorealízate, a través de

la ciencia, y la cultura. Este es el mejor medio para integrarte a la vida de

la sociedad, para servirte a ti mismo, a los tuyos y a la Patria».

Do que deixamos dito não se deduza apressadamente que, para um indivíduo deficiente visual ou portador de qualquer outra deficiência se integrar socialmente, é suficiente que a sua

Cultura seja de um nível razoável, ou até mesmo superior. Em que medida os conhecimentos enciclopédicos armazenados no seu cérebro lhe poderão ser úteis, se os mesmos conhecimentos não forem utilizados como matéria-prima na elaboração de raciocínios lógicos, genitores de juízos correctos? De que lhe poderá valer o ser culto, se, devido à sua introversão, timidez, vergonha, ou até mesmo egoísmo, ele se fechar em si mesmo, não transmitindo aos que com ele convivem, todo o manancial intelectual que deveria ser usufruto de todos? Como lhe será possível atrair os seus concidadãos, se ele somente desejar ser ajudado sem, no entanto, se preocupar com os que dele tantos benefícios poderão receber, caso saiba e queira desenvolver, à luz dos seus conhecimentos, da Cultura, conversas agradáveis, interessantes, ricas de ensinamentos? Por que motivo outros indivíduos o hão-de procurar, se ele não lhes propicia momentos de bem-estar, de alegre convivência, de alguma felicidade; se não sabe escutar com atenção as suas preocupações, os problemas para os quais procuram solução adequada; se não é capaz de lhes dar uma palavra de conforto, um apoio moral, um sábio conselho?

Muitas outras questões a estas similares poderíamos colocar, sem que, para as mesmas, as respostas encontradas difiram substancialmente umas das outras. Não se falta à verdade, se se afirmar que para todas elas há uma resposta comum que, resumidamente, assim se pode formular:

A Cultura é a essência da vida do ser humano, desde que não equivalha a arquivo morto (ou mesmo semimorto) de dados adquiridos, de vastos conhecimentos memorizados, não seja pedra preciosa ou metal nobre encofrado no cérebro, mas seja, antes, algo que permanente e efectivamente se encontre ao serviço do seu possuidor e dos que com ele se relacionam, que o conduza ao conhecimento de si próprio e do seu próximo, a respeitar-se, respeitando os outros, que o leve a assumir-se em todos os actos e em todos os momentos de sua vida. Em suma, que o ajude a transformar-se num novo homem social, projectado no futuro em busca da perfeição, da autenticidade, por muitos desejada mas por poucos conseguida.

Chegados que somos à parte final da dissertação que nos propusemos fazer, e depois de termos levantado algumas questões que se prendem com o significado do vocábulo Cultura, após termos emitido alguns juízos de valor acerca do que a mesma Cultura deve representar para quem tem a sorte de a possuir e termos referido algo concernente ao papel que esta pode e deve desempenhar no tocante à realização dos deficientes, julgamos ser oportuno tecer algumas considerações, embora sucintas, acerca da forma como se processa a aquisição desse talismã, desse tesouro inestimável que pode proporcionar

(se convenientemente utilizado) ao seu detentor, um insetimável gozo, uma felicidade não possível de outro modo, e uma vivência fraterna em plenitude com os outros homens, transformando a vida neste nosso planeta que, certamente, passará a ser um veículo onde se viaja num estado de permanente felicidade através do infinito espaço cósmico.

.....

Ainda no ventre materno (segundo alguns místicos, muito antes de se ser, porque já se era) inicia-se a construção do edifício mental do futuro homem. Após o nascimento, no seio da família à qual foi confiado, consolida-se a parte do edifício já existente e continua-se a grande obra, que nesta fase exige extraordinária atenção e dedicação por parte dos seus obreiros, que devem proporcionar ao novo ser um crescimento harmónico, num mundo em que a protecção, a segurança não tenham falhas significativas. É neste período que se processa a aquisição de importantes dados que vão ser armazenados no cérebro, tendo aqui a família um papel extremamente relevante a desempenhar, pois que é a ela que compete educar, orientar a aquisição dos conhecimentos, motivar o nascimento e crescimento do amor por determinados valores, sejam eles de ordem material, ético-moral, estética, metafísica, etc. A família nunca deve deixar de ter em consideração que a criança assimila tudo aquilo que faz parte do mundo que a rodeia. Assim, se o ambiente familiar que a cerca é calmo, naturalmente, ela aprende a encarar a vida com serenidade, sem sobressaltos; se nele se respira o conforto, a abundância, a paz, ela aprende a ser optimista; se o seu convívio é predominantemente com a crítica, a hostilidade, a zombaria, ela aprende a condenar, a ferir, a ser tímida; se é com a vergonha, a tolerância, o encorajamento, a segurança, ela aprende a sentir culpa, a ser tolerante, confiante, a ter fé; se convive com a imparcialidade, aprende a ser justa; se no seu meio social reinar o espírito da aceitação, da amizade, da fraternidade, então, a criança assimila o amor que a acompanhará em cada dia de sua vida.

Pelos seis, sete anos, o mundo que circunda a criança alarga-se substancialmente. Agora passa a ser constituído já não somente pela família, pelo infantário, os amiguinhos do prédio, do bairro ou do parque infantil, mas também por todos aqueles que, de um momento para o outro, surgem na sua vida, em consequência do seu ingresso na escola.

Nesta fase os pais ainda continuam a ser os principais responsáveis pela formação global dos seus filhos, muito embora os professores, por força da sua função, passem agora a assumir a grande responsabilidade de condutores do processo educativo que tem como objectivo último o lançamento dos

alicerces e a construção dos pilares e do vigamento do monumento cultural do futuro adulto, que, passo a passo, ao longo dos anos, se vai continuar a edificar, tendo sempre em vista, não só o reforço das suas estruturas, como também o embelezamento das mesmas.

É durante a escolaridade que as aspirações do «Homem de amanhã», não só se desenham e adquirem corpo, características mais marcantes, mas também mais se estabilizam, e, por este facto, os professores, que ocupam uma larga faixa no âmbito das actividades que concorrem para a formação mental do aluno, exercem uma considerável influência no nível dessas mesmas aspirações.

Segundo pesquisas realizadas por Reeder (1955) e por Campbell (1967), o nível de aspiração do sujeito é um dos aspectos que tem ligação directa com o autoconceito, e este, como parecem indicar inúmeros dados, tem influência na realização e no comportamento do mesmo sujeito. De acordo com McCandless, as experiências de sucesso prolongado resultam geralmente em autoconfiança (o que é um autoconceito positivo, uma auto-estima) e optimismo, ao passo que o fracasso persistente gera o pessimismo e reduz os esforços conducentes à obtenção do êxito. É sabido que o sujeito sente um nível de aspirações mais elevado se o objectivo a atingir lhe é caro e que, após o sucesso, esse nível tende a aumentar, enquanto que, após o fracasso, tende a baixar.

Tendo em atenção estes aspectos, o professor não deve nem pode perder de vista a importância que o objectivo ou a meta têm para o sujeito. É extremamente relevante que ele procure sempre actuar de modo a evitar QUE certos alunos tenham somente experiências fracassadas. Para tanto, torna-se extremamente necessário que o docente tente permanentemente pautar a sua conduta por princípios que o habilitem a ser reconhecido, por parte do aluno, como um amigo que oferece segurança, e em quem se acredita, e é fundamental que ele considere ser o seu papel o de desenvolver diferentes aptidões e habilitações, de forma a que todos, indistintamente, tenham possibilidades de, com êxito, funcionar em variadas áreas.

No seio de uma família sã, tendo, tanto a nível de ensino primário e secundário, como a nível de estudos superiores, professores competentes, pedagogicamente bem preparados, o iniciado de hoje transforma-se no homem culto de amanhã, que, ao atingir o limite da sua escolarização, deixa genericamente de ser estudante, facto que, todavia, não deve ser para ele razão para que não continue a estudar. A expansão cultural, a avidez pelo saber, pela actualização dos conhecimentos, a necessidade de sempre estar bem informado, devem ser constantes, que não

sofram qualquer enfraquecimento ao longo da vida de um ser humano. O hábito e o gosto de ler, até agora desenvolvido, não devem perecer.

Mas (questionarão os deficientes visuais) como preservar esse hábito e esse gosto, se os livros em braille e outros materiais dispobíveis são tão escassos, e se, além disso, os poucos existentes são de tal modo volumosos que seria impossível tê-los nas suas diminutas habitações.

Efectivamente, esta questão não deixa de ser pertinente. Todavia, ela serve, muitas vezes, como justificação para os desinteressados pela leitura não se assumirem, não reconhecerem que têm uma forte falta de motivação para se valorizarem culturalmente. Estes que assim procedem ignoram (ou fingem que ignoram) que algumas bibliotecas, nomeadamente a Nacional, as Camarárias e as das Associações, possuem já acervos de certo modo notórios pelo seu volume e qualidade, e que os mesmos estão à disposição de todos os que os queiram utilizar, quer nas instalações das bibliotecas, quer no próprio domicílio.

E porquê esta desmotivação, este desinteresse pela leitura, que constitui um dos melhores acessos à Cultura?

Inúmeras e diversas razões de certo não faltam para o justificar; contudo, a maior parte delas cai pela base, pois que a sua origem resulta quase sempre, de falsos pressupostos, do facto de se estar mal esclarecido, pouco informado acerca do largo contributo que a leitura oferece para a valorização dos que a ela recorrem, ou de se desconhecerem os meios já colocados à disposição de todos nós.

Não restam pois dúvidas, de que entre nós, algo de errado continua a grassar. Assim sendo, necessário se torna desenvolver significativos esforços que propiciem a realização de transformações profundas, que se reconhece serem indispensáveis para que, entre nós, se gere uma nova mentalidade.

E quem, melhor que as bibliotecas, pode, neste âmbito, começar já a desenvolver estes esforços, a promover actividades conducentes à renovação das mentes, ao surgimento de hábitos mais sadios, mais consentâneos com as aspirações que devem nortear o homem de hoje?

Estes organismos não podem mais continuar a ser entidades passivas, à espera de que alguém solicite os seus serviços; não podem mais continuar a justificar a sua falta de dinamismo com base no facto de os recursos económicos postos à sua

disposição, os meios técnicos e material humano serem insuficientes; não devem mais afirmar que há já bastantes dificuldades para se continuar a servir, com um mínimo de qualidade, os seus normais utentes e se o número destes aumentar, aumentarão proporcionalmente, provocando a descida de qualidade da prestação dos serviços.

É urgente que se operem algumas modificações no seio das bibliotecas, por forma a que nestas, os funcionários passem a ocupar menos o seu tempo no desempenho de tarefas de somenos importância; é forçoso que se passe a utilizar racionalmente os recursos económicos e técnicos para que se consiga deles retirar o máximo aproveitamento, que se simplifiquem os circuitos funcionais, que se elimine a burocracia desnecessária e que se adquira o hábito de se aproveitar ao máximo as potencialidades tanto dos seus técnicos como do restante pessoal, colocando, sempre que possível, o homem certo no lugar certo. Os responsáveis pelos serviços biblioteconómicos devem viabilizar uma nova política de actuação que permita aos mesmos serviços abandonar a cómoda posição da passividade para poderem passar a assumir um papel mais activo, mais agressivo, tendente à angariação de novos leitores. Não se pode continuar a servir somente os que têm o louvável hábito e gosto de ler; é preciso conceber e executar um plano que provoque um aumento substancial do número dos que recorrem à leitura; urge passar-se a fazer o contacto directo com os potenciais utilizadores das bibliotecas, que poderá traduzir-se mesmo num tête-à-tête, visando sempre o esclarecimento, a informação em maior escala e de melhor qualidade. É, em suma, de capital importância, viabilizarem-se transformações profundas, tanto a nível das mentalidades, como da funcionalidade dos organismos prestadores de serviços na área em foco, devendo ser estes, na nossa óptica, a iniciar o árduo mas aliciente processo, já que as suas responsabilidades, no que concerne à aquisição da Cultura, sendo componente extremamente relevante dum conjunto de factores geradores do aperfeiçoamento do Homem, é de primeira grandeza.